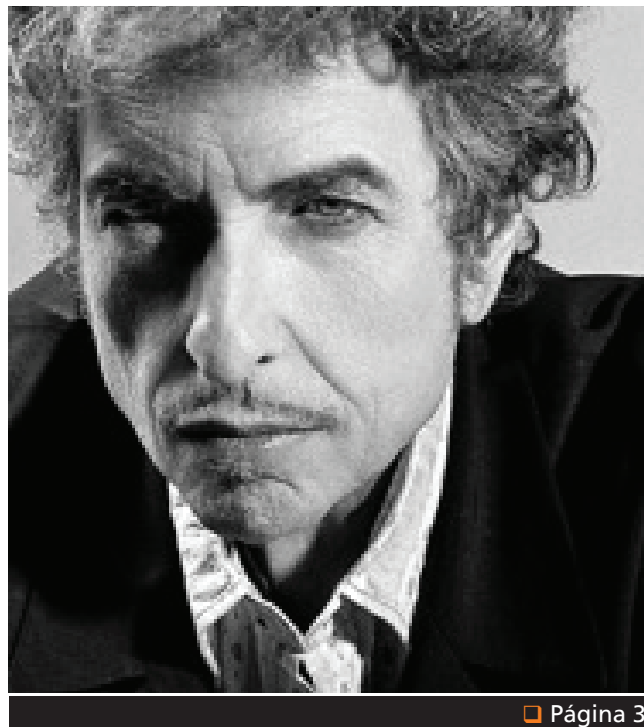




A polêmica do Nobel de Literatura

> O GRANDE PRÊMIO CONCEDIDO AO CANTOR AMERICANO BOB DYLAN, PELA ACADEMIA SUECA, GEROU MUITAS CONTROVÉRSIAS E DIVIDIU A OPINIÃO DE ESPECIALISTAS E AMANTES DE LITERATURA AO REDOR DO MUNDO. CONFIRA ARTIGO DE RICARDO RAMOS



@Divulgação



@Bruno Eliezer

Editora UBE começa a operar e já conta com publicações

Fique por dentro dos últimos lançamentos do nosso selo editorial e saiba as vantagens de ter o seu livro publicado pela União Brasileira dos Escritores.



@Divulgação

Caio Fernando Abreu

Há 20 anos falecia o escritor gaúcho Caio Fernando Abreu, que deu seu toque de genialidade à literatura brasileira. Conheça sua trajetória e a importância de seu legado.

- NÚMERO DE EVENTOS REALIZADOS E APOIADOS PELA UBE > 170
- SEGUIDORES NO FACEBOOK > 2.350
- SEGUIDORES NO TWITTER > 46
- NÚMERO DE ASSOCIADOS > ???

SIGA A UBE NAS REDES SOCIAIS:



www.facebook.com/ubesp



www.twitter.com/UbeBrasil

Jornal O Escritor

Uma publicação da União Brasileira de Escritores - Nacional

Rua Rêgo Freitas, 454, cj. 61, São Paulo

www.ube.org.br

Textos: Fernanda Groke
Fransisco Ballerini
Revisão: Grupo Colmeia
Editora: Sandra Sinicco

Mais informações:
ube@ube.org.br

Diretoria

Durval de Noronha Goyos Jr.
Presidente

Ricardo de Medeiros Ramos Filho
Vice-Presidente

Cláudio Willer
2.º Vice-Presidente

Cássia Janeiro
Secretária-Geral

Fábio Tucci Farah
1.º Secretário

Sueli Carlos
2.ª Secretária

Antonio Francisco C. Moura Campos
Tesoureiro-Geral

Djalma da Silveira Allegro
1.º Tesoureiro

Nicodemos Sena
2.º Tesoureiro

Conselho Consultivo e Fiscal

Anna Maria Martins

Audálio Ferreira Dantas

Carlos Alberto Vogt

Lygia Fagundes Telles

Luís Avelima

Luiz Alberto Moniz Bandeira

Samuel Pinheiro Guimarães Neto

Walter Natalino Sorrentino

Caio Porfírio de Castro Carneiro

Diretores Departamentais

Fabio Lucas Gomes

Dirce Lorimier Fernandes

Bianca Ferrari

Elisabete Vidigal Hastings

José Domingos de Brito

Sandra Juliana Sinicco

Paulo de Assunção

Renata Pallottini

Luís Antonio Paulino

Levi Bucalem Ferrari

CRISE ECONÔMICA REPERCUTE FORTEMENTE NO SEGMENTO CULTURAL

A crise política e econômica que se abate sobre o Brasil teve um impacto devastador no setor cultural, uma das áreas mais vulneráveis da sociedade, sempre dependente de recursos públicos e privados. Historicamente, quando advêm as crises econômicas e os consequentes cortes de despesas, os investimentos na área cultural são os primeiros a serem cortados.

Pois bem, é sabido que as crises econômicas afetam duramente os trabalhadores, causando grande desemprego, como é o caso dos dias atuais, em que milhões de pessoas perderam seus postos de trabalho. Naturalmente, os desempregados também cortam em primeiro lugar as despesas culturais, o que igualmente fazem aqueles que se julgam em situação precária em seus postos de trabalho, que são quase todos os trabalhadores. O clima de instabilidade econômica leva inexoravelmente a tal situação.

Como consequência, o mercado editorial passa por grandes dificuldades, tanto no tocante às editoras propriamente ditas, como também com relação às livrarias, ainda os principais canais de distribuição de livros, e principalmente com relação ao escritor, sabidamente o elo mais fraco na cadeia editorial, frequente e historicamente abusado pelos demais.

Hoje, o escritor tem não apenas dificuldades em publicar seus livros, mas também em ser tratado respeitosamente pelas editoras que, na mais das vezes, sequer dão respostas com relação à sua submissão de manuscritos. Ocorre ainda que, quando publicados, são os escritores sujeitos a diversas fraudes por parte das editoras, como a falta de transparência com relação ao número de exemplares publicados, a ausência de prestação de contas quanto ao número de cópias vendidas e quanto a devolução daquelas não comercializadas.

O inadimplemento generalizou-se e passou a existir em cascata: as livrarias não pagam as editoras que, por sua vez, deixam de transferir aos escritores o correspondente aos direitos autorais. Editoras mal-intencionadas se oferecem para publicação de manuscritos a pagamento sem a contrapartida de um mínimo de apoio editorial e, muitas vezes, com os mesmos vícios daquelas de maior tradição. A crise permeou todo o segmento editorial.

A União Brasileira de Escritores (UBE) denuncia a devastadora gestão econômica do País, que está a fazer soçobrar o sistema educacional e também o setor editorial. Para mitigar os efeitos da crise, a UBE fez uma parceria de mediação com a Fundação Getúlio Vargas, para que os escritores possam levar seus pleitos junto às editoras. Da mesma maneira, a UBE criou no ano passado sua editora própria, sem fins lucrativos, que apoia os escritores brasileiros seus associados.

Nada porém irá superar a retomada de um vigoroso crescimento econômico a ser promovido por um governo com um sólido mandato popular.

• Durval de Noronha Goyos Jr – Presidente - União Brasileira de Escritores - UBE



A RESPOSTA ESTÁ SOPRANDO NO VENTO

• Ricardo Ramos Filho

Eu era um rapaz que amava os Beatles, Rolling Stones e Bob Dylan. Os embalos de sábado à noite invariavelmente terminavam em câmera lenta. Jogado em algum canto escuro de salas cheias de almofadas coloridas, mastigando o bigode e penteando a barba enorme com meus próprios dedos, eu mal conseguia erguer a cabeça. O torpor alcolóico e outras cositas mais, mantinham-me atento o suficiente para concentrar-me apenas no que diziam as músicas. Nada mais me interessava naqueles momentos. As letras cresciam em minha cabeça e faziam todo o sentido do mundo.

O som altíssimo, éramos todos um pouco surdos, seguia geralmente uma ordem visível somente agora, ao retomar este século passado. Começávamos com a calma e a delicadeza de Paul McCartney. Pássaro negro cantando na calada da noite. Quando a fúria nos dominava a ponto de nos transformar em feras, Mick Jagger nos conduzia e gritávamos para quem quisesse ouvir que não estávamos satisfeitos, não estávamos satisfeitos, não estávamos satisfeitos. No final a voz anasalada de Robert Allen Zimmerman assumia o controle. Eu adorava o elepê *Desire*, hoje se diz álbum, denominação para mim incompreensível. Álbum é de figurinhas.

A moça bonita tontinha, coitada, se jogava perto de mim em algum sofá. Onde está o seu Deus? A letra de *Hurricane* trazia as questões fundamentais. Você realmente quer? Você realmente me quer? Você realmente me quer vivo ou morto para viver uma mentira? Diga-me se mataria para salvar uma vida? Oh, este furacão, este furacão! E então, no momento em que a agulha da vitrola atingia o ponto de *Lay, Lady, Lay*, eu me apaixonava por todas as garotas presentes. Imaginava como seria bom se elas deitassem em minha grande cama de metal.

O tempo passou na janela e só Carolina não viu. Os velhinhos da Suécia encheram-se de nostalgia, quiseram causar e resolveram dar a Bob Dylan o Prêmio Nobel de Literatura de 2016. Não gostei e pelo que parece ele também não. Ignorou, desconversou, não foi buscar. Por que será? Quantas estradas um homem deve percorrer para poder ser chamado homem? Quantas estradas um homem deve percorrer para poder ser chamado de escritor? A resposta está soprando no vento.

A gente coloca as ideias na base da emoção e acaba se complicando. Acabei percebendo que criticar o Nobel do Dylan pegava mal. Vi que consideravam atitude conservadora, de direita, própria de quem tem visão curta. Aqueles de mente aberta são obrigados, estava decretado, a celebrarem o acontecimento. Como tenho horror a tudo que é destro, preferi reconsiderar. Saudemos, então, a Academia Sueca e tão inteligente e oportuna escolha. Gênio! Embora, deixe aqui registrado, preferisse ver a nossa Lygia Fagundes Telles premiada. Sou coxinha? Paciência.

• Ricardo Ramos é escritor, com 17 livros editados no Brasil e dois no exterior, publicados em Portugal e nos Estados Unidos. Mestre em Letras no Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Neto do renomado escritor, Graciliano Ramos.

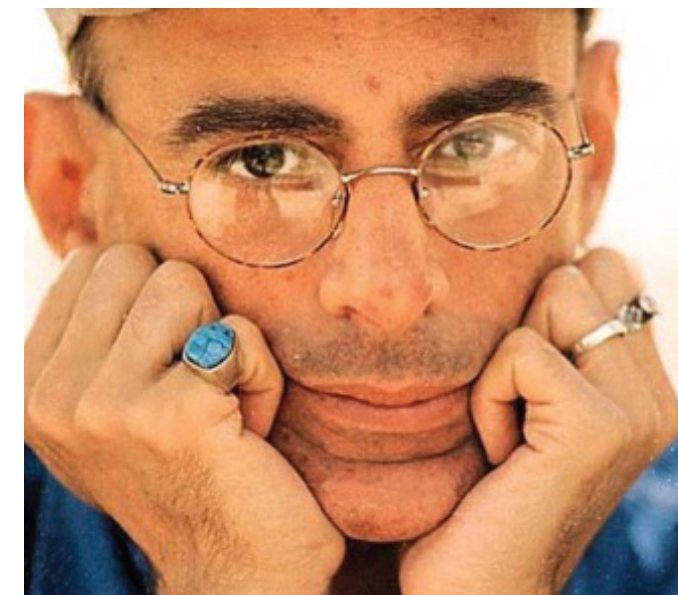
Caio Fernando Abreu:

• O poeta que não morreu •

É impossível pensar em literatura brasileira e não ter em mente um dos maiores escritores brasileiros: Caio Fernando de Abreu. Há 20 anos, o dramaturgo, jornalista e ensaísta gaúcho falecia, aos 47 anos, vítima de complicações por conta da AIDS. Caio é lembrado e celebrado entre todos os apaixonados pela literatura. Seu legado é de uma riqueza única.

O autor, perseguido em 1968 pela ditadura militar, tratou de temas controversos, como solidão, medo, sexo e homossexualidade, além de abordagens sociais e históricas, que retratavam a repressão da época. Sua coragem, em tempos de trevas e de brutal repressão, obrigou o autor a se refugiar na casa de sua contemporânea, a também escritora, Hilda Hilst. Em 1970, Caio se exilou na Europa, retornando apenas em 1974, para sua terra natal, Porto Alegre.

Caio Fernando de Abreu era um poeta de alma, que soube como poucos traduzir as angústias e as paixões humanas.



@Divulgação

RESSACA E REDENÇÃO

À farrá dos anos sessenta seguiu-se a ressaca dos setenta. E John Lennon declara: o sonho acabou - *The dream is over*.

Sessenta foi plenitude, festa solidária do apogeu do *bem estar*, dos *anos dourados*: crescimento econômico, bons salários, plenos direitos, as últimas guerras de *libertação nacional* vitoriosas. No Vietnã, a maior potência bélica é derrotada por uns asiáticos magricelas que se alimentavam de meia tigela de arroz. Na velha Grã-Bretanha de homens sisudos, con-

tidos em casacas cheirando à naftalina, os *Beatles* achincalhavam convenções: fumam maconha no banheiro do palácio de Buckingham.

Visto de hoje, a idealização do período é inevitável, parece que nada mais se poderia desejar. Visto de hoje, resalto, porque à época queríamos mais, muito mais, só o impossível. É o que diziam os muros pichados de Paris no maio épico de 1968.

A festa incomoda, assusta os vizinhos. A França de tantas vanguardas mostra seu

outro lado, o do *petit bourgeois* assustado. Paizão De Gaulle ganha as eleições para restaurar a ordem.

Enquanto isso, na América Latina...

O império de cá saíra sangrando do Vietnã, sofria a humilhação de ter Cuba em seu nariz, temia que o império de lá ganhasse a guerra... Surgem ou recrudescem ditaduras militares em todos os cantos e o pau come solto: censura, repressão, prisões, tortura, de-

• Levi Bucalem Ferrari

> LIVRARIA VIRTUAL DA UBE

SE VOCÊ É AUTOR E GOSTARIA DE DIVULGAR AINDA MAIS SUAS PUBLICAÇÕES MANDE UMA FOTO DA CAPA DE SEU LIVRO, PREÇO DE COMERCIALIZAÇÃO E UM PEQUENO RESUMO DE SUA HISTÓRIA E SEU CURRÍCULO COMO AUTOR PARA A LIVRARIA VIRTUAL DA UBE. ESPECIALMENTE VOLTADA PARA DIVULGAR AS OBRAS DE SEUS ASSOCIADOS, A LIVRARIA VIRTUAL PODE SER ACESSADA PELO SITE WWW.UBE.ORG.BR. LIGUE PARA (11)3231-4447 / (11)3231-3669 E USE MAIS ESTE CANAL DE COMERCIALIZAÇÃO DE SUAS OBRAS.

saparecimentos, assassinatos. E a arte? Sempre suspeita.

Alguns poucos partem para o enfrentamento armado contra a ditadura. Outros se reúnem em porões planejando a saída política. Perseguidos buscam o exílio, a clandestinidade, a casa daquele tio do interior. Aliás, há um generalizado voltar pra casa, estandartes enrolados ou abandonados.

Nos anos sessenta, abalos sísmicos semanais; nos setenta, imobilidade de múmia, cenário a forjar um tipo característico, o *desbundado*; em geral aquele que ficou nas bordas do vendaval sessentista e, agora, desmobilizado, culpado, busca saídas individuais. Não fez a revolução, então quer viver intensamente a experiência individual: *drogas, sexo e rock'n'roll* à saciedade, à exasperação. Fuga da realidade opressiva; não se quer saber do que ocorre nos porões da repressão, o isolamento em pequenos grupos para puxar um fuminho e transar. Ah, a liberação sexual ficou, exacerbou-se, aliás. Alguns *desbundados* viram hippies tardios, vivem em comunidades onde tudo é permitido; tudo deve ser experimentado, imposto aos outros.

E não é que num chão assim tão estéril brota flor de beleza raríssima, esquisita, incomparável, Caio Fernando Abreu. Nascido em Santiago do Boqueirão, RS, em 1948 inicia-se como jornalista em Porto Alegre e depois São Paulo (1968) e Rio (1970). Também correu o mundo trabalhando como lavador de pratos e faxineiro em Paris, Estocolmo e Londres. Em 1981, volta para São Paulo, onde trabalhou como jornalista, escritor e editor de livros. Faleceu em Porto Alegre em 1996.

Precoce, escrevia desde menino tendo publicado seu primeiro romance, *Limite Branco*, aos 19 anos. Escreveu mais dez livros, foi traduzido em diversas línguas e recebeu prêmios literários de porte. Livros de rara beleza, maestria técnica

e retrato profundo, sem retoques, de sua geração. Mereceu o elogio de Lygia Fagundes Telles que o chamou de *escritor da paixão*.

Ora em questão, *Morangos Silvestres*, considerado por muitos como sua obra-prima, tem nova edição em 2005 pela Agir Editora, do Rio de Janeiro.

Talvez mais do que em qualquer Caio pode ser o representante mais lídimo e acabado da geração que se situa entre a agitação dos anos 60 e a repressão dos 70, pendendo mais para a última. Numa carta ao seu amigo José Márcio Penido, em 1979, ele confessa essa condição. Referindo-se a um artigo de Nirlando Beirão *O recomeço do sonho* (Revista Istoé, 19/12/79) declara: *Claro que ele fala de uma geração inteira, mas daí, saquei, meu Deus, como sou típico, como sou estereótipo da minha geração*.

Antes, noutra trecho da mesma carta, o autor já se havia exposto o suficiente. Sobre o ato de escrever, cita o poeta gaúcho Gabriel de Brito Velho: *apaga o cigarro no peito / diz pra ti o que não gostas de ouvir / diz tudo. E continua: Isso é escrever. Tira sangue com as unhas. E não importa a forma, não importa a "função social", nem nada, não importa que, a principio, seja apenas uma espécie de auto-exorcismo Mas tem que sagrar a-bun-dan-te-men-te. Você não está com medo dessa entrega? Porque dói, dói, dói. É de uma solidão assustadora. A única recompensa é aquilo que Laing diz que é a única coisa que pode nos salvar da loucura, do suicídio, da auto-anulação: um sentimento de glória interior. Essa expressão é fundamental na minha vida*.

Neste trecho da carta, Caio Fernando Abreu, não só trai a condição antes assumida – a de escritor típico de sua geração – , como revela algo que era fundamental para a mesma, a relativização da função social. A geração que descobre o indivíduo reage à arte demasiadamente engajada do período

anterior. Quer ao mesmo tempo se liberar dessas amarras – o que não raro é assumido como culpa – como quer se debruçar sobre nuances mais universais da condição humana, num contexto que agora se apresenta mais receptível a esse tipo de criação literária.

Mas, que não se engane o leitor; a política e essa *função social*, aparentemente posta em segundo plano, não somem como num passe de mágica. Elas permeiam todo o texto de Caio com sutileza bem resolvida. Formam o pano de fundo insubstituível do cenário frente ao qual os dramas individuais vêm à tona. Se, no final dos anos 70 se urdia a negação do hiper-engajamento e o retorno ao indivíduo, a repressão política e social, sua denúncia e a conseqüente busca de sua superação, interação com as personagens, mesmo as mais *descoladas* do real. Porque uma coisa é fruto da outra. E o autor sabe disso como poucos de sua geração. O *desbunde*, a fuga, a busca do indivíduo e o comportamento às vezes bizarro dos anos 70, não é nada que se possa comparar ao *individualismo* competitivo, hipócrita e despidoradamente alienado dos dias de hoje; nada semelhante, portanto ao que se observa nos livros de sucesso, destinados tanto ao consumo rápido como, em contrapartida, ao desaparecimento súbito.

No trecho de carta disposto acima, o autor oferece ainda das melhores lições do fazer literário. E mesmo que outros bons escritores tenham elaborado conceitos semelhantes sobre o tema, Caio Fernando Abreu os reprisa com molho próprio, de resto, coerente com seu modo de escrever. Este, aparentemente desarranjado, nos surpreende em suas dissonâncias propositais, perceptíveis na fabulação como na linguagem, repleta em harmonias inesperadas, sutilezas e nuances raras. Esquisitas às vezes, assustadoras outras, mas sempre bem resolvidas literariamente.

O autor é um livro aberto quanto a suas admirações e influências, Clarice

Lispector e Dalton Trevisan, por exemplo; mas se distancia logo, procura e encontra o caminho próprio. Não por acaso, Clarice era a mais lida por aqueles que, no limiar dos 60, se mostravam menos mobilizados politicamente. Não que fossem alienados, mas porque entendiam que o indivíduo não desaparecia mesmo em períodos da mais intensa mobilização social. Dalton, mais tarde, será muito apreciado pelos que, exauridos da guerra e humilhados pela derrota, se admiram com sua escrita seca, telegráfica e com o escancaramento corajoso do desejo, da transgressão, do egoísmo e das pequenas, porém constantes maldades mal disfarçadas na hipocrisia do cotidiano.

Por fim, registre-se sobre *Morangos Mofados* que a temática de seus contos é muito mais variada do que se poderia imaginar. As situações e a linguagem garantem a formação de um *conjunto*. Na primeira parte, *O Mofo*, é mais notável a repressão como pano de fundo, as pessoas que somem, outras que mantêm conversas cifradas e aparentemente desconexas... Na segunda, *Os Morangos*, a assunção mais notável do *desbunde*, a busca do individual como fuga ou como retorno à verdade íntima, abafada pelo coletivismo dos anos 60; comportamentos incoerentes e, não raro, inverossímeis, ininteligíveis; e muita droga, muito sexo em todas as suas formas. Na terceira parte, composta de conto único, *Morangos Mofados*, a volta por cima. Reencontro, re-auto-valorização, redenção. Afinal, assim como captara antes o *fim do sonho*, Mestre Lennon percebe, busca, ordena a redenção: Começar de novo - *Starting Over*.

• Levi Bucalem Ferrari é professor de ciências políticas, poeta e ficcionista. Presidente do Instituto de Projetos e Pesquisas Sociais e Tecnológicas (IPSO). Membro da Accademia Siculo-Normanna di Cultura di Palermo e Monreale.

Caio Fernando Abreu – *Morangos Mofados* (AGIR, Rio de Janeiro, 2005, 158 págs).

> AGENDA

ATIVIDADES NÃO PARAM NA UBE. PALESTRAS, CURSOS E UMA SÉRIE DE DEBATES PARA QUEM AMA A LITERATURA REUNIRAM CENTENAS DE PESSOAS AO LONGO DO ANO

O ano de 2016 foi, indubitavelmente, repleto de realizações e novas conquistas para a União Brasileira de Escritores. Os cursos e as palestras literárias para nossos associados e amantes da literatura foi uma delas. Com preços acessíveis, foram tratados em profundidade temas como literatura infantil, reflexões sobre poesia, abordagem de crimes famosos na literatura, o grande poeta Jorge Lima e a Lei Rouanet.

A UBE vem ministrando cursos e palestras para um público diversificado, que tem lotado o auditório da sede, na cidade de São Paulo. Nomes como Ricardo Ramos, Izacyl Guimarães Ferreira, Mariz de Oliveira, Cláudio Willer, Cássia Janeiro, entre outros, abordaram de forma variada aspectos inéditos da literatura brasileira e internacional.

Além disso, a UBE realizou eventos renomados como o Seminário em Homenagem aos 80 anos de Moniz Bandeira, que contou com a presença de grandes intelectuais brasileiros, como Walter Sorrentino, vice-presidente do PCdoB, Samuel Pinheiros Guimarães, diplomata brasileiro, Levi Bucalem Ferrari, sociólogo, Dr. Durval de Noronha Goyos Jr., presidente da UBE e Cássia Janeiro, escritora e poeta, que discorreram sobre os diversos aspectos das obras do historiador e de sua personalidade impactante na sociedade brasileira e no mundo.

Entre os grandes eventos da UBE em 2016, vale destacar a entrega do Prêmio Intelectual do Ano - Troféu Juca Pato, concedido a Luiz Bernardo Pericás, historiador pela George Washington University e doutor em economia pela USP - Universidade de São Paulo. O evento foi realizado na Academia Paulista de Letras e lotou o auditório com a presença de aproximadamente 150 pessoas.

Os almoços mensais da UBE continuam a trazer palestras de interesse dos associados e escritores. Em seu último almoço do ano o palestrante convidado foi Audálio Dantas, e o tema de sua palestra foi "Resistência Civil na Ditadura", onde, em um momento emocionante, os presentes brindaram em homenagem a Dom Paulo Evaristo Arns, que lutou bravamente contra a ditadura de 64 e faleceu em 14 de dezembro de 2016. A instituição continuará a trazer grandes nomes para os futuros almoços palestras e promete proporcionar ao público um novo ano pleno de novos eventos.

Em 2017, a UBE preparou um intenso calendário de atividades para todos os gostos e níveis de escritores. Confira alguns dos eventos, cursos, palestras e oficinas que preparamos para 2017!

- A Jornada do Herói
- Criação literária
- A crítica literária
- Sarau literário
- Surrealismo
- Leis de incentivo à cultura
- Reflexões sobre poesia
- A arte na periferia
- A crônica
- Mulheres e literatura.

Não deixe de se filiar à entidade para contar com descontos nas atividades e ao mesmo tempo usufruir do que há de melhor no mundo da literatura no Brasil. Mais informações pelo telefone:(11)3231-4447 / (11)3231-3669

> ESPAÇO DO AUTOR

Espaço dedicado a trabalhos de nossos associados. O Conselho Editorial do Jornal O Escritor se reserva o direito de seleção das obras. Mandem suas colaborações para secretaria@ube.org.br

SE

Não importa se quem sofre
É americano, europeu,
Afeção ou australiano.

Não importa se quem sofre
É anglicano, judeu,
Cristão ou muçulmano.

Importa quem sofre,
Porque todos
São filhos.

Como podes julgar
Se vês só até onde tua vista alcança
E do lugar em que estás ?

Se os sapatos de Treblinka
Ainda teimam em andar,
Lembra-te que a paz insiste em voar.

Afia tua faca com o melhor moleiro
E corta, sem dó,
Todos os preconceitos.

E fazes agora,
Porque passado é lembrança;
Futuro, esperança;
Agora, só agora, é.

Dissolve o inverno,
Sem prelúdio e, de súbito,
No verão da tua alma.

Verás que era sonho
O que julgavas real: tudo era "se".
E, sendo imaculado o sonho,
O que julgavas real se despe; é agora limpo.

POEMA DA TUA AUSÊNCIA (Para Antonio Candido)

Um poema de amor na tua
Ausência
É mostrar a dor nua com
Inocência.
É falar dessa dor que não
Sinto
E que me dói por não
Senti-la.
Será essa uma mentira
Inacabada?
Será essa dor insuportável
Incapaz de sentir-se?

Um poema de amor na tua
Ausência
É uma vã tentativa
De te ver ali, imóvel,
E de te amar na sombra
Que ficou em mim.

PALAVRAS TUAS

Palavras tuas que lidas nos renovam,
tornando-nos anjos sem asas,
mas que voando saem,
para encontrar quem as escreve.

A cada resposta dada,
arece que vens ao
encontro do meu amor por ti.

Se soubesses o bem que fazem a mim,
passarias as noites a redigir respostas
para os meus sonhos.
Meus sonhos que a cada poesia te pergunta,
me amas?

E a sutileza de tuas respostas com palavras
bem colocadas, vão ao meu amor,
entre aspas, segurando.

• Roldão Aires - São Paulo. Membro Honorário da Academia Cabista. Membro Honorário da Academia de Letras do Brasil. Membro da U.B.E

CAMINHO

Não sei qual o caminho
que me levaria até você.
quem sabe um bem longo,
sem fim.

Mas fiel permaneço à deia,
de o percorrer de ponta a ponta .
se assim não fosse,
que graça teria,
querer seu amor,
só para mim.

• Cássia Janeiro é educadora, graduada em filosofia e serviço social, pós graduada em antropologia, Biopsicologia e Psicologia Transpessoal e mestra em Ciências da Comunicação e Educação - Vencedora do Premio Mondiale Nosside de Poesia dois anos consecutivos, autora de mais de quatro livros e associada da UBE.



Saiba as vantagens de ser filiado ao UBE

VOCÊ JÁ CONHECE AS VANTAGENS DE SER FILIADO DA UNIÃO BRASILEIRA DE ESCRITORES - UBE? LISTAMOS VÁRIOS MOTIVOS PARA VOCÊ ESCRITOR, ESTUDANTE, JORNALISTA, E AMANTE DA LITERATURA SABER OS BENEFÍCIOS DE SER ASSOCIADO DA UBE. CONFIRA:

Visibilidade para as obras dos associados

- Nome com biografia e todos os trabalhos divulgados no sítio da UBE.
- Realizar lançamentos de livros no espaço físico da UBE sem custo algum.
- Ter sua edição auto financiada publicada com o selo da UBE – editora (em formação).
- Ter seus artigos publicados no tradicional “**O Escritor**”.
- Ter seus trabalhos e notícias de eventos publicados nas plataformas das mídias sociais da UBE.

Participações dos associados

- Participar da mais tradicional e antiga associação de escritores do Brasil.
- O associado da UBE recebe convites de lançamentos de livros de autores de todo o Brasil.
- Acesso gratuito às feiras de livros em que a UBE estiver presente com direito à realização de lançamentos de livros no stand da UBE.
- Participar como conferencista ou audiência dos cursos e programas oferecidos pela UBE nas áreas de prosa, poesia, oratória, cinema, história, ciências, direito, jornalismo e outros temas atuais.
- Participação em comissões temáticas da UBE.
- Concorrer nos prêmios literários e sociais oferecidos pela UBE.
- Participação no conselho editorial da UBE Editora.

Privilégios dos associados

- Usufruir da Biblioteca do Escritor, do espaço do escritor, auditório do escritor, e das novas instalações.
- Usufruir dos convênios internacionais da UBE e participar das delegações da UBE e eventos em outros países.
- Usufruir dos convênios da UBE, como o de mediação com serviços gratuitos da FGV-SP.
- Realizar o seu evento cultural no Auditório do Escritor e/ou Espaço do Escritor.
- Usar a medalha Mário de Andrade, privilégio do escritor brasileiro afiliado à UBE nas cerimônias oficiais.
- Conviver com a fina flor da intelectualidade brasileira.

TORNE-SE UM ASSOCIADO DA MAIS ANTIGA E HONORÁVEL ASSOCIAÇÃO DE ESCRITORES DO BRASIL, A UNIÃO BRASILEIRA DE ESCRITORES, CRIADA EM 17 DE JANEIRO DE 1958, QUE JÁ CONTOU COM NOMES ILUSTRES E IMPRESCINDÍVEIS NA LITERATURA BRASILEIRA, COMO SÉRGIO MILLIET, MÁRIO DE ANDRADE, RICARDO RAMOS, ENTRE OUTROS.

PARA MAIS INFORMAÇÕES, CLIQUE EM NOSSO SÍTIO: www.ube.org.br